

FRI, 14 JAN 2022

Autorizada pela VISAPRESS para a reprodução, distribuição e/ou armazenamento de conteúdos de imprensa, das publicações por esta representada, sendo interdita qualquer reprodução, mesmo que parcial.

Mário Fernandes, CFA (Banco Carregosa): “As taxas de juro do mercado monetário vão se manter baixas e inferiores à inflação”

MÁRIO FERNANDES, CFA (BANCO CARREGOSA): AS TAXAS DE JURO DO MERCADO MONETÁRIO VÃO SE MANTER BAIXAS E INFERIORES À INFLAÇÃO*

Mário Fernandes fala no Webinar "Inflação em 2022"



TRIBUNA de Mário Carvalho Fernandes, CFA, Chief Investment Officer do Banco Carregosa

Antes e forte abrandamento económico causado pela pandemia em 2020 (abril 2022) tem confirmado ser caracterizado pela recuperação económica com os principais blocos a convergir, ainda que a diferença floreada para os seus trigonios de crescimento estrutural. Em 2022 o crescimento económico global deverá permanecer acima do seu potencial de longo prazo, ainda que a nível inferior ao observado em 2021. Enquanto isso a economia chinesa foi a que reavergou mais rapidamente essa trajetória de crescimento de longo prazo. No entanto, a que poderá algum fadigo nos próximos meses. A economia americana tem revisto uma dinâmica de recuperação e será uma das economias que anta em 2022 com mais vigor. Na Europa a dinâmica de crescimento também acelerou face ao período anterior à pandemia, mas deverá a médio prazo, enfrentar as forças estruturais que lhe conferem um crescimento natural mais baixo. Este acentramento na dinâmica de crescimento das principais economias globais tem implicações na evolução das pressões inflacionistas e das respostas das autoridades monetárias e fiscais, que deverão ser mais acomodadas na China, mais assertivas nos Estados Unidos e moderadas na Europa. As pressões inflacionistas começaram a fazer sentir-se em 2021 mas será em 2022 que se terá a melhor percepção da durabilidade e intensidade deste surto, que parece ser mais relevante nos EUA, onde se começam a sentir pressões salariais que podem ser um indicador da maior persistência da inflação sem a economia do que inicialmente esperado. No entanto, essa inflação deverá moderar-se ao longo dos próximos meses, embora se mantenha acima dos objetivos da Reserva Federal.

CLASSES DE ATIVOS MELHOR POSICIONADAS

Apartir de evolução da política monetária no sentido da normalização, ainda existe um longo caminho até se atingir esse estado, pelo que as taxas de juro do mercado monetário se vão manter baixas e inferiores à inflação prolongando o ambiente de repressão financeira ainda ao longo dos próximos anos, com os investidores a enfrentarem taxas de juro mais negativas. O investimento com o objetivo de preservar pelo menos o poder de compra das poupanças deverá por isso ser mais uma vez forçado a assumir algum tipo de risco. Caberá a cada investidor analisar os riscos a que pretende estar exposto de forma a atingir os seus objetivos dentro do seu perfil e das suas restrições no preferências. A diversificação dos investimentos será sempre uma mais-valia para se atingir uma rentabilidade potencial mais elevada e com menor nível de risco mais controlado.

Com menor suporte dos bancos centrais, o risco de taxa de juro deverá ser penalizado, pelo que os investidores devem procurar expor-se preferencialmente a outros perfis de risco, como por exemplo aos riscos de crédito e liquidez de mercado com os seus perfis e objetivos de investimento. Assim, obrigações nos classes de alto rendimento (high yield) e dívida subordinada são alternativas a considerar, ainda que de forma seletiva e criteriosa. O investimento em instrumentos que conferem exposição ao crédito ou outros ativos mais, como infraestrutura, também podem ser forma de capturar alguns perfis de risco de liquidez, mas será importante perceber qual o risco de taxa de juro a que esses veículos possam estar expostos, nomeadamente a capacidade de indexação dos seus cash flows futuros à dinâmica da inflação no caso de juro.

A classe acionista tende a estar mais exposta ao risco do ciclo económico e apesar de não se encontrar a níveis de valorização baixos em relação à história, continua a ser uma potencial fonte de rentabilidades reais positivas a médio prazo. A nossa preferência continua acentar em empresas com algum poder de mercado, de onde decorra a maior capacidade de negociar eventuais aumentos dos custos para os seus clientes, e por isso apresentarem margens estáveis e tendencialmente balanceadas robustas. Num período de alguma inflação, alguns balanços podem de qualquer forma para empresas mais cíclicas e mais voláteis ser um importante fator de diversificação e de gestão do risco.

RISCOS

Os níveis de risco que montarmos, o risco de uma inflação mais persistente será a governante e risco que reúne em si uma maior probabilidade e um impacto mais elevado. Este risco decorre do volume reabastecido, como a manutenção da política Covid-zero na China, os estrangulamentos nas cadeias de produção e distribuição globais, emergência de novas variantes da pandemia e poderá materializar-se na necessidade de alteração da política monetária mais restritiva do que a que já se encontra descortada no mercado. Sendo um risco identificado e monitorizado, não é o nosso cenário central, que antecipa uma menor gradual de tensões inflacionistas com a dissipação dos fatores responsáveis pela sua geração.

Atribuímos também alguma probabilidade ao risco de que nem todos os atuais estrangulamentos (bottlenecks) sejam temporários, já que a transição energética pode ter contribuído para uma potencial redução no fornecimento de energia baseada em hidrocarbonetos, que se podem materializar quando a intensidade energética da economia global atingir os seus limites e as fontes alternativas ainda não estarem aptas para substituir as necessidades da forma plena.

Em sentido contrário, no próximo meses, podemos assistir à materialização de um abrandamento económico mais acentuado do que o antecipado, causado pela eventual acumulação excessiva de inventários nos últimos meses. A adoção de uma estratégia defensiva das empresas, que acumulem inventários suportados num crescimento real ou seja em detrimento do just in time, pode ter conduzido à acumulação de inventários e encerramento excessivo. A reversão desse movimento pode gerar um ciclo de 3 a 6 meses de alguma queda acentuada da atividade, que contribua para a arrefecimento da economia e das pressões inflacionistas.

INFLAÇÃO

A inflação será a principal indagação no início de 2021 e veio a revelar-se mais elevada e menos transitória do que o antecipado. O grau de abertura e de transmissibilidade deste fenómeno será a grande questão de 2022. No nosso cenário central, diferentes situações distintas nas diferentes economias, já que não há pressões inflacionistas na China no curto e a longo prazo e as forças para evitar justificadas para um carácter mais temporário do fenómeno. Contudo, nos EUA, a disseminação do aumento dos salários reveste uma menor transmissibilidade das tensões inflacionistas. O movimento dos preços em 2021 deverá ser seguido por alguma replicação nos próximos meses, contudo, sucessivamente mais moderado, levando à inflação a convergir gradualmente para um nível mais próximo, ainda que acima do objetivo da Reserva Federal.

FUNDO DE INVESTIMENTO RECOMENDADO

Uma recomendação de investimento deve ser sempre enquadrada no contexto singular de cada investidor de sua situação financeira e experiência sobre objetivos, horizonte temporal, restrições e preferências. Para cada investidor haverá uma solução composta por um veículo ou conjunto de instrumentos que melhor se adequa à sua situação particular, pelo que nos dá o que sugerir um instrumento em particular, ao efeito de que os potenciais interessados devem procurar aconselhamento financeiro no sentido de obter uma resposta personalizada.

TEMAS DE INVESTIMENTO

Procuramos de forma contínua novas alternativas e oportunidades de investimento, tanto para alargar a nossa exposição a fatores desconcorados como para substituir alguns veículos nos temas a que já estamos expostos, por formas e métodos de gestão que sejam mais promissores ou eficientes. Nos nossos estrótipos de investimento procuramos estar expostos às tendências salientes como por exemplo, a urbanização, envelhecimento demográfico, digitalização, robótica e a 4ª revolução industrial. Também tendemos a procurar alguma exposição por exemplo, ao tema da inflação, com exposição aos sectores de energia e materiais primos. Temos explorado algumas alternativas de investimento para acudir aos mercados obrigacionistas chineses, numa ótica de aumentar a diversificação das carteiras de investimento em obrigações em especial, de elevada qualidade creditícia.

MAIS VISTOS



Qual a relação entre a MIFID e a ESG?

Clara de Vasconcelos - A par do crescimento da sustentabilidade nos últimos 10 anos...

O que fazer ante falha de crédito e o seu impacto no mercado monetário? - Como se deve reagir em caso de falha de crédito e o seu impacto no mercado monetário...

João Rodrigues Faria - O impacto da inflação e o seu impacto no mercado monetário - Como se deve reagir em caso de inflação e o seu impacto no mercado monetário...

NOTÍCIAS RELACIONADAS

- 14 de janeiro de 2022: Eduardo Monteiro (BPI Global) - 2022 será mais desafiante do que 2021 porque será mais volátil?
- 14 de janeiro de 2022: João Marques (CMA) - Quais os ativos de curto prazo e de rendimento variável que apresentam a melhor rentabilidade nos mercados?
- 7 de janeiro de 2022: Paulo Pacheco, CFA (Banco Português de Investimento) - Espera-se que 2022 seja um ano extremamente incerto, o que levou à uma maior volatilidade nos mercados?
- 14 de janeiro de 2022: Sílvia Degraes - As melhores gestões de ativos alternativos são também as melhores para enfrentar os riscos potenciais em 2022?

PROFISSIONAIS RELACIONADOS

Mário Fernandes, Chief Investment Officer Banco Carregosa

EMPRESAS RELACIONADAS